

EDIFÍCIO MOREIRA SALLES: arquitetura moderna e a transformação da avenida São Luís em São Paulo

Fabiana Saad Kik Mitne (IC) e Silvia Ferreira Santos Wolff (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no âmbito das produções que têm como objetivo compreender a introdução da arquitetura moderna em São Paulo, e seu papel na transformação e consolidação do conjunto de edificações que majoritariamente ainda compõem o centro da cidade hoje e que estão vinculados ao grupo de estudos “Arquitetura Moderna no Centro de São Paulo”. Esta pesquisa faz parte de recorte espacial que se concentra nas edificações situadas na avenida São Luís, no bairro da República e nas transformações neste logradouro ocorridas na segunda metade do século XX. Enfoca especificamente o Edifício Moreira Salles. Para tal análise do Edifício Moreira Salles, e de seu processo de concepção e implantação na avenida São Luís procedeu-se a investigação de documentos originais confrontados a estudos já existentes e publicados. O Edifício Moreira Salles, construído entre os anos de 1951 e 1952, é prédio residencial de autoria do arquiteto ucraniano Gregori Warchavchik. É exemplar do processo de verticalização da via, feita a partir de demolições de casarões que haviam conformado originalmente a rua São Luís. Foi analisada a documentação original relativa ao projeto apresentado para aprovação à Prefeitura Municipal de São Paulo. Os documentos são descritos e avaliados à luz da bibliografia sobre o arquiteto, a rua, o edifício, e, também, sobre a arquitetura vertical do período e de outros exemplares modernistas que vinham sendo construídos contemporaneamente à sua realização.

Palavras-chave: Moreira Salles. Gregori Warchavchik. Avenida São Luís.

ABSTRACT

The present research is part of the productions that aim to understand the introduction of modern architecture in downtown São Paulo, and its role in the transformation and consolidation of the set of buildings of the city center today. Works carried out by the study group “Modern Architecture in the Center of São Paulo”. This research is part of a spatial clipping that focuses on the buildings located on Avenida São Luís, in the República neighborhood and on the transformations in this street that occurred in the second half of the 20th century. It specifically focuses on the Moreira Salles Building. For this analysis of the Moreira Salles Building, and its design and implementation process on Avenida São Luís, we proceeded to investigate original documents in accordance with existing and published studies. The Moreira Salles Building, built between 1951 and 1952, is a residential building designed by Ukrainian architect Gregori Warchavchik. It is an example of the verticalization

process of the road, made from the demolition of the houses that had originally formed São Luís Street. The original documentation related to the project submitted for approval to the Municipality of São Paulo was analyzed. The documents are described and evaluated in the light of the bibliography on the architect, the street, the building, and on the vertical architecture of the period of other modernist examples that were being built contemporaneously with its realization.

Keywords: Moreira Salles. Gregori Warchavchik. São Luís Avenue.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se no contexto da pesquisa “Arquitetura Moderna no Centro de São Paulo”, patrocinada pelo Mackpesquisa, que visa compreender as transformações ocorridas no centro novo de São Paulo. Partindo da análise dos edifícios modernos que o constituem e da coleta de dados nos arquivos do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), AHWL (Arquivo Histórico Washington Luiz) e Arquivo Corrente da Prefeitura (Piqueri), bem como de fontes bibliográficas, o grupo de pesquisa armazena os dados de forma restrita no “Banco de Dados do Centro Histórico de São Paulo”, a serem disponibilizados publicamente no já criado site “Edifícios no Centro de São Paulo”, após término da etapa de complementações e revisões das informações.

O Edifício Moreira Salles, projetado em 1951 pelo arquiteto Gregori Warchavchik, localiza-se na avenida São Luís, com acesso também pela Rua Basílio da Gama. Sua implantação insere-se no contexto de modernização da cidade de São Paulo, implementado pelo Plano de Avenidas de Prestes Maia, que favoreceu a região central como atrativa para novos empreendimentos. Além disso, a crescente verticalização das construções, consequência da Lei do Inquilinato de 1942, permitiu a experimentação de novas técnicas construtivas em consonância com novas demandas estéticas e funcionais que vinham se afirmando naquele momento. Na arquitetura vertical deram origem aos primeiros prédios de apartamentos modernos, como o Edifício Moreira Salles.

Assim sendo, coube tentar compreender a formação do Edifício Moreira Salles e reconhecer o processo de consolidação da avenida São Luís, bem como as transformações que vinham acontecendo na cidade. Informar-se ainda sobre os arquitetos responsáveis por propor estes novos edifícios modernos, em particular Gregori Warchavchik. Tendo em vista o ano de seu projeto (1951), o Moreira Salles faz parte de um período de produção do arquiteto, pouco abordado na historiografia sobre ele. Desse modo, o artigo também busca refletir sobre como se apresenta o Edifício Moreira Salles no conjunto de obras do arquiteto.

A pesquisa procurou compreender o papel que este prédio teve na composição do logradouro por meio do exame de sua implantação em relação à cartografia do período de sua construção, momentos anteriores e posteriores, situando o lote e a implantação dentro dos mapas cadastrais históricos da cidade de São Paulo: Sara Brasil, 1930; Vasp-Cruzeiro, 1954 e Gegran, 1974.

Para melhor caracterizar as particularidades do Edifício Moreira Salles, foram analisados projeto e implantação originais, confrontados às edificações anteriores e às contemporâneas a ele; a distribuição do programa residencial e dos espaços conectados com a rua.

Todas essas análises e pesquisas foram feitas a partir do exame dos documentos contidos no processo de aprovação pela administração municipal que estão armazenados no banco de dados do grupo de pesquisa, isto é, no “Banco de Dados do Centro Histórico de São Paulo”.

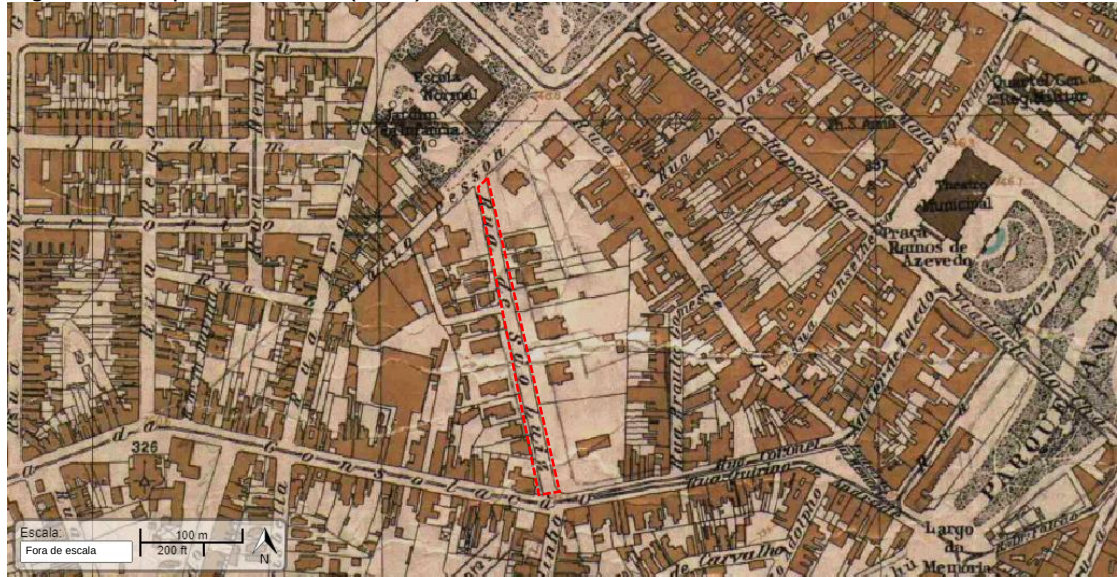
2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Durante séculos, a cidade de São Paulo teve o seu desenvolvimento concentrado entre as igrejas de São Bento, São Francisco e Carmo, no chamado Triângulo Histórico. O Vale do Anhangabaú representava uma barreira física e a Rua São Luiz, apesar de localizada no coração da cidade, estava afastada do centro urbano, uma vez que excedia este limite territorial.

Considerando este cenário, a rua foi pouco ocupada até o final do século XIX, quando a família Souza de Queiroz se estabelece na região, ocasionando as primeiras alterações urbanas significativas. Diferentemente do padrão de parcelamento do solo que vinha ocorrendo nas demais áreas da cidade, com um loteamento consequente da existência de chácaras, na rua São Luiz este se dá através de um caráter familiar, onde os lotes se distribuem de forma irregular entre si e justificados por interesses pessoais, como partilhas de herança e doações.

Apesar de apresentar suas particularidades, todos os lotes possuíam conexão com a rua e a abrigavam palacetes ou habitações com grandes dimensões, como pode-se observar no mapa Sara Brasil (1930).

Figura 1 – Mapa Sara Brasil (1930)



Fonte: Produção própria sobre mapa do GeoSampa

No início do século XX, com o crescimento de São Paulo, começaram a ser pensados projetos urbanísticos, a fim de planejar este avanço. Entre os mais conhecidos está o Plano de Avenidas de Prestes Maia, proposto na década de 1930, com o objetivo de modernizar o sistema de vias da cidade, para o recebimento do automóvel como novo modelo de transporte que acabaria por ser posteriormente predominante ao longo do século XX.

O Plano de Avenidas de São Paulo, concebido com uma estrutura radial a partir do centro da cidade, ocasionou a transformação de diversos segmentos urbanos e vias, dentre eles o da República. O alargamento das ruas acarretou um afastamento dos moradores originais, e edificações antes habitacionais e direcionadas à elite cafeeira, passaram a ser substituídos por conjuntos de escritórios.

Tal cenário consolidou progressivamente a região da República como novo foco de concentração comercial, paralelo ao do antigo localizado no núcleo original de São Paulo. Dentre as ruas modificadas na região, está a avenida São Luís, objeto de estudo da presente pesquisa.

De acordo com Lefèvre (2006), a implantação do Anel de Irradiação do Plano de Avenidas de Prestes Maia em 1940 promoveu o alargamento da Rua São Luís de 13 para 33 metros. Esse é o momento decisivo na transformação do anterior “Beco Comprido” - como a rua costumava ser chamada por seus moradores - em avenida. Como pode-se observar na planta do Ato n.1470 de 14 de setembro de 1938, para o “Plano de Melhoramentos Urbanos”, o novo traçado alcança precisamente a Rua São Luiz em sua totalidade.

Este processo de alargamento das vias urbanas, juntamente com outros fatores que vinham acontecendo ao longo do século XX, colaborou para a criação de um cenário propício à verticalização das construções, elemento este que viria a tornar-se padrão nas edificações de São Paulo:

A abertura do Anel de Irradiação foi um fator indutor de transformações radicais no uso e ocupação do solo em suas imediações. Coincidindo com um período de crescimento acelerado do ritmo de construções na cidade, no segundo pós-guerra, o conjunto de melhoramentos urbanos então implantado – a ampliação da escala das antigas vias, associada à legislação específica para a ocupação de suas laterais e praças, a abertura das novas avenidas radiais, visando a maior acessibilidade ao centro tanto por automóveis como por ônibus, [...] – levaram a uma rápida verticalização [...]. (LEFÈVRE, 2006, p.174)

A Lei do Inquilinato de 1942 também foi importante neste processo, segundo Nadia Cahen (2003), pois o congelamento dos aluguéis fez com que o mercado de locação buscasse uma alternativa para a maximização do lucro fundiário. Esta se dá, portanto, por meio de um progressivo investimento na verticalização das construções, que se estende da década de 1940 a 1970.

Tendo em vista que o público-alvo destes empreendimentos possuía alto poder aquisitivo, foi possível desenvolver projetos em consonância com as novas técnicas construtivas e demandas estéticas que vinham se afirmando na arquitetura. Havia uma tentativa de tornar estes edifícios atrativos às camadas mais ricas da sociedade, que até então consideravam negativa a ideia de viver em um mesmo local que outras famílias.

É neste contexto em que passam a ser construídos os primeiros apartamentos modernos, que se situa o Edifício Moreira Salles, projetado em 1951 pelo arquiteto Gregori Warchavchik, e tema central desta pesquisa.

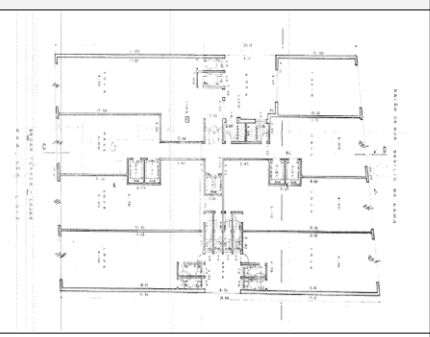
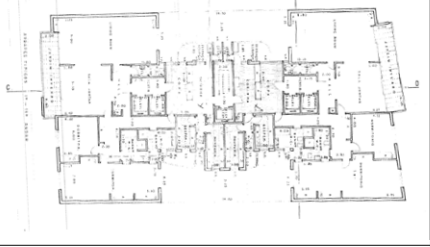
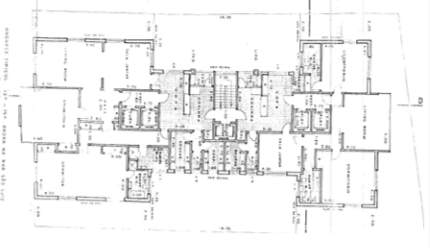
Construído entre os anos 1951 e 1952, o Moreira Salles configura-se como um edifício residencial de alto padrão. O prédio faz frente para duas ruas, a avenida São Luís e a Rua Basílio da Gama, permitindo o acesso para pedestres por ambos os lados. Tal aspecto, combinado a um uso comercial na cota térrea, além do hall residencial, cria uma relação dinâmica e positiva entre a edificação e seu entorno, tendo em vista que este está inserido no centro de São Paulo.

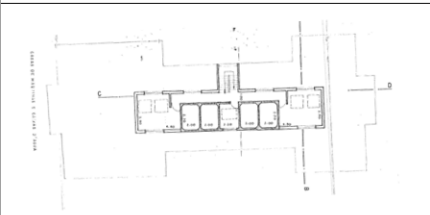
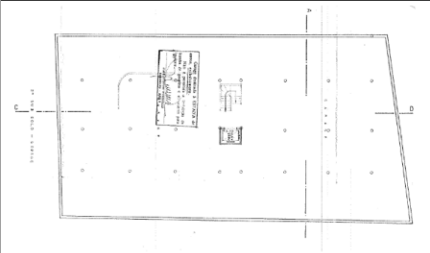
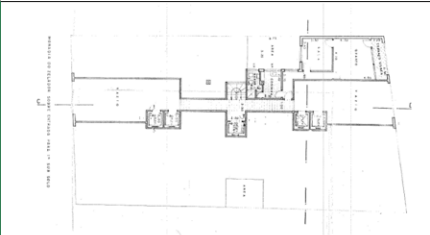
Nos pavimentos superiores, com uso exclusivamente residencial, os apartamentos apresentam diferentes disposições espaciais, com uma planta tipo para as unidades do 1º ao 11º pavimento, e outra tipo para os apartamentos do 12º ao 16º. A partir do 17º pavimento, apenas os apartamentos voltados à avenida São Luís continuam a desenvolver-se, configurando uma única unidade por andar, e uma

variação na volumetria que pode ser notada na fachada. Apesar das divergências entre as plantas dos apartamentos, todos os módulos apresentam a mesma configuração programática.

O programa de cada unidade habitacional constitui-se por cozinha, copa, rouparia, W.C. de serviço, despensa e terraço de serviço, como área de serviço; lavabo, 2 W.C., vestíbulo, 2 elevadores sociais e hall, como área de transição entre área de serviço e área social; “living room”, sala de jantar, 2 dormitórios e jardim de inverno, caracterizando a área social do apartamento, e consequentemente, as fachadas do edifício.

Tabela 1 – Análise das plantas arquitetônicas do Edifício Moreira Salles

PRANCHA: PLANTA ARQUITETÔNICA	PAVIMENTO	COMENTÁRIOS
	Térreo	- Dois acessos para pedestres: avenida São Luís e rua Basílio da Gama. - Acesso para veículos exclusivamente pela rua Basílio da Gama, na área denominada como “vazio” em planta. - Lojas comerciais em ambas as fachadas, com dois sanitários cada. - Circulação vertical: 4 elevadores sociais e 1 de serviço, além de escada. - Área externa apresenta áreas de retirada de lixo.
	1º a 11º (Tipo)	- Apartamentos espelhados dividem o andar ao meio, e a escada com o elevador de serviço representa o encontro entre os dois apartamentos. - Distribuição programática similar em ambos os apartamentos. - Ambos apresentam boa iluminação e ventilação: Av. São Luís na face oeste e R. Basílio da Gama na face leste.
	12º a 16º (Tipo: R. Basílio da Gama) e 12º a 19º (Tipo: Av. São Luís)	- Sem espelhamento, configurações de planta divergentes entre si. - Maiores diferenças se dão nas áreas de convivência dos apartamentos, localizadas nas fachadas principais. - Distribuição programática segue sendo a mesma dos pavimentos abaixo.
	12º a 15º	- Ampliação do terraço de serviço: curioso a atenção dada ao terraço de serviço, com prancha arquitetônica exclusiva para detalhamento deste.

	Casa de Máquinas e Caixa D'Água	- Informações técnicas: demarcação das casas de máquina e caixas d'água.
	1º Subsolo	- Circulação vertical: apenas elevador de serviço e escada. Para acessar elevadores sociais necessário transição no térreo. Tal fato possivelmente justifica-se pelos elevadores sociais chegarem no interior dos apartamentos, enquanto que a circulação de serviço é externa a estes.
	2º Subsolo	- Circulação vertical: apenas elevador de serviço e escada. Para acessar elevadores sociais necessário transição no térreo. Tal fato possivelmente justifica-se pelos elevadores sociais chegarem no interior dos apartamentos, enquanto que a circulação de serviço é externa a estes.
	Moradia do Zelador	- Casa do zelador localiza-se acima da entrada para o 1º subsolo. - Voltada para Rua Basílio da Gama. - Conta com sala, cozinha, W.C., quarto e terraço. - Todos os cômodos possuem janela. - O quarto é o maior ambiente (maior que a sala) e o único que possui ligação direta com o terraço. - Apenas circulação vertical de serviço.C8

Fonte: Produção própria através do processo aprovado na Prefeitura de São Paulo

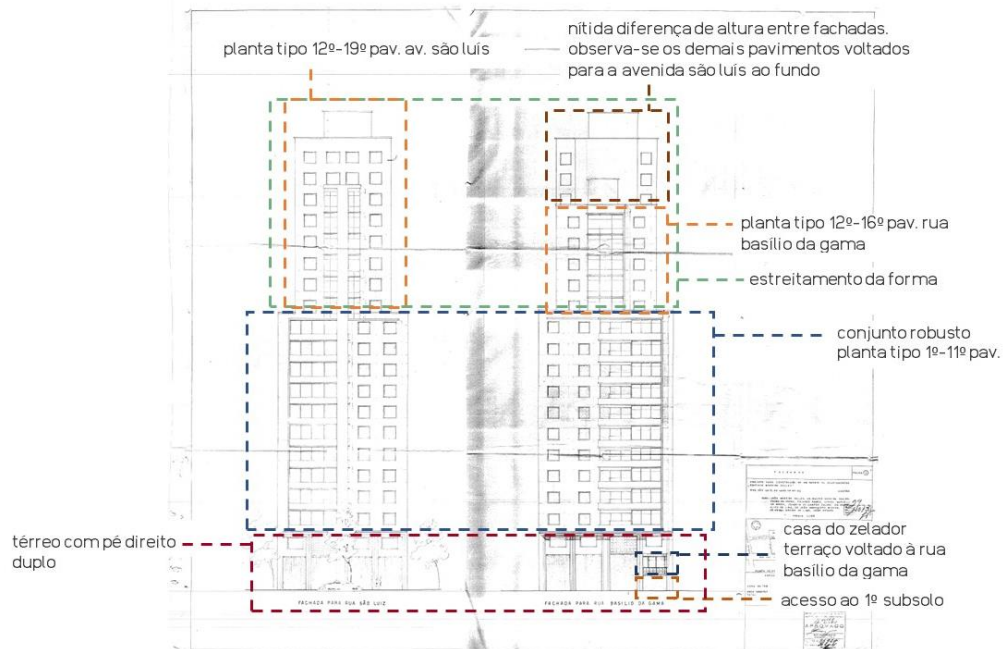
Conforme descrito na tabela 1, a partir do 12º pavimento as plantas deixam de ser espelhadas e os apartamentos passam a apresentar distribuições espaciais distintas. Comparando as duas unidades habitacionais no pavimento, se tratando das áreas de serviço, as diferenças são pequenas e pouco significativas. As alterações ocorrem de forma relevante nas áreas de convivência.

O apartamento voltado para a Rua Basílio da Gama se distribui de modo a distanciar a “living room” da sala de jantar, e os dois dormitórios entre si. O “living room” localiza-se ao centro dos ambientes, e configura-se pelo volume destacado na fachada, e à frente do plano principal. No apartamento paralelo à Avenida São Luís, por sua vez, sala de jantar e “living room” estão próximas entre si, assim como os dois dormitórios. O volume que se destaca na fachada, no entanto, é o dormitório, localizando-se ao centro do conjunto e no plano frontal do volume.

Vale ressaltar que estas variações de padrão na distribuição dos apartamentos, bem como entre pavimentos, podem ser notadas facilmente na fachada. A volumetria

e a plasticidade do edifício estão diretamente ligadas ao que ocorre no interior deste, conforme descrito nas figuras 2 e 3.

Figura 2 – Análise da volumetria do Edifício Moreira Salles

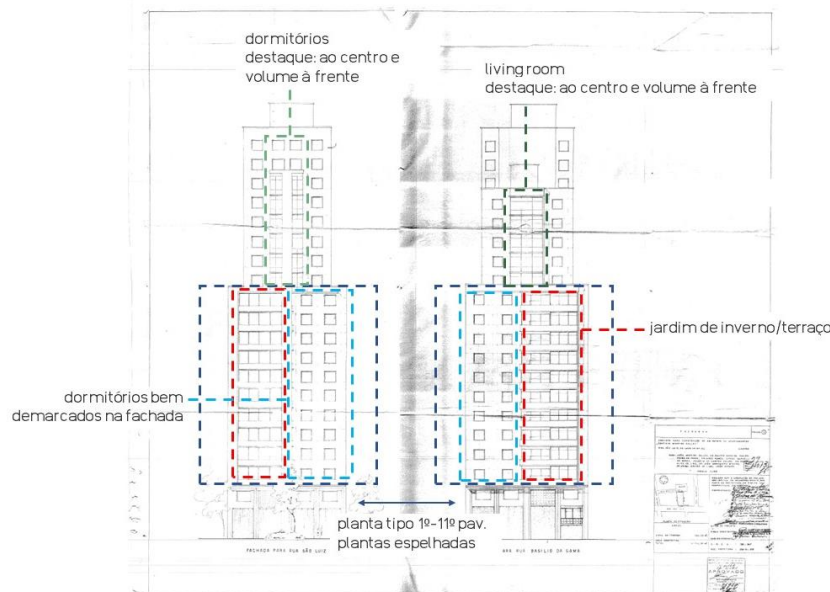


Fonte: Produção própria através do processo aprovado na Prefeitura de São Paulo

A volumetria do Edifício Moreira Salles, caracteriza-se por uma base maior até o 11º pavimento, e uma torre mais recuada nos demais oito pavimentos. O estreitamento do volume conforme o conjunto avança se dá pela variação das plantas tipo, como supracitado. É possível notar também que o térreo, por apresentar um uso comercial, possui pé direito duplo. Para as unidades habitacionais, bem como para a casa do zelador, há a redução deste pé direito.

O prisma regular e simétrico, tem, contudo, o tratamento da fachada composto assimetricamente em face à organização de janelas diferenciadas de terraços, chamados “jardins de inverno”, no conjunto de apartamentos do 1º ao 11º pavimento. Para os andares superiores, esta assimetria é demarcada pela variação do ambiente em primeiro plano, com os dormitórios para a face da avenida São Luís, e “living room” para a fachada da Rua Basílio da Gama.

Figura 3 – Análise da fachada do Edifício Moreira Salles



Fonte: Produção própria através do processo aprovado na Prefeitura de São Paulo

Se comparado aos demais exemplares modernos que marcaram o período de verticalização da década de 1950, pode-se dizer que o Edifício Moreira Salles apresenta uma abordagem mais discreta em relação ao conjunto. Tanto na constituição de suas plantas, quanto na composição da fachada, o projeto de Gregori Warchavchik se distancia dos edifícios modernos, hoje clássicos, de maior reconhecimento na historiografia da arquitetura da cidade de São Paulo.

Figura 4 – Linha do tempo: verticalização dos edifícios na década de 40 e 50.



Fonte: Produção própria através da Monolito nº19 – da esquerda para a direita: Nelson Kon, Leonardo Finotti, Monolito, Leonardo Finotti, Folha Uol e Refúgios Urbanos.

O anterior projeto do Edifício Louveira, construído entre os anos de 1946 e 1949 no bairro de Higienópolis, concebido pelos arquitetos Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, inovou ao pensar a implantação como duas lâminas paralelas preenchidas em seu interior por uma área verde. Setor que atua como prolongamento do espaço público. Esta “praça”, juntamente com a rampa de acesso e o térreo livre sob pilotis, cria uma sensível conexão com o entorno que servirá de modelo a tentar ser replicado por diversos arquitetos na cidade.

Confrontado ao Moreira Salles, nota-se que o projeto de Warchavchik apresenta esta intenção de criar um térreo conectado com a cidade, por meio de um uso comercial e dois acessos por esta cota. No entanto, a questão da permeabilidade e fruição visual, muito bem desenvolvida no Louveira sem barreiras edificadas, não é atingida no Moreira Salles, à despeito da frente para duas ruas.

Além disso, o Edifício Louveira inova em sua composição como um todo, aproximando-se da produção carioca por meio do cromatismo e escolha de materiais, da filiação aos 5 pontos corbusianos e por caracterizar-se como prisma puro e laminar, com as laterais cegas e fachadas principais totalmente abertas, trazendo horizontalidade ao conjunto.

O Edifício Moreira Salles, por sua vez, articula-se tendenciando para uma composição de fachada mais neutra, onde a estética externa posiciona-se como refém da distribuição dos ambientes internos, e com uma escolha de cores e materiais que não destoam da paisagem em que está inserida.

O Edifício São Vicente de Paula, neste sentido, produzido posteriormente ao Louveira, apresenta mais semelhanças com a construção da avenida São Luís. Assim como o objeto de estudo desta pesquisa, o projeto de Lucjan Korngold apresenta uma fachada mais “enrijecida”, e menos dinâmica se comparado a outros exemplares do período. Além disso, explora a plasticidade de alguns elementos pontuais, por meio do parapeito ondulado e tijolos laminados, assim como faz o Moreira Salles, especialmente na cota terra, como ilustrado nas figuras 5 e 6.

Figura 5 – Composição plástica do acesso ao edifício



Fonte: Inês Bonduki

Figura 6 – Letreiro no acesso ao edifício



Fonte: Inês Bonduki

Se tratando do Edifício Lily, pode-se dizer que este se distancia do Moreira Salles em uma característica essencial a compreensão destes dois prédios. O Lily, projetado por Giancarlo Piretti, apresenta uma planta simétrica acompanhada de uma fachada assimétrica. Enquanto no Moreira Salles a leitura do interior pode ser feita facilmente pela volumetria e suas aberturas, no Lily a distribuição dos ambientes internos não transparece para o exterior do edifício. Esta relação entre organização e estética se faz de forma distinta nos dois prédios.

No caso do Edifício Arper, projetado em 1959 por David Libeskind, tal característica aproxima-se do que acontece no Moreira Salles, com uma setorização de apartamentos bem demarcada na fachada.

O Edifício Santa Rita, por sua vez, assemelha-se do projeto de Warchavchik pelo jogo de cheios e vazios e demarcação da estrutura na fachada, e pelas cores ocre que trazem discrição ao conjunto. Além disso, ambos os empreendimentos foram pensados para um público-alvo com alto valor aquisitivo.

O Edifício Moreira Salles enquadra-se como investimento voltado ao mercado imobiliário. Fato presente também em alguns edifícios citados que, contudo, têm sido analisados pela crítica a partir de posicionamentos ideológicos de seus autores. Sobre o edifício Louveira tem sido enaltecido seu caráter público por ampliar visualmente a conexão visual com a rua, além de destacado o esforço de diferenciação presente na designação dos espaços na planta. Na divulgação publicitária substituiu-se a terminologia “quarto de criada”, comumente utilizado até então, por simplesmente “dormitório” por exemplo.

Vale destacar que a edificação estudada nesta pesquisa, foi construída pela construtora Severo Villares (continuidade do Escritório Técnico de Ramos de Azevedo), e contratada pelo banqueiro Moreira Salles. São nomes que apontam novas formas de investimento do período em São Paulo e construtoras consolidadas.

O arranha-céu teatralizava, como um enclave, o equilíbrio instável entre a independência da estrutura isolada, corporativamente produzida, e a organização do capital coletivo que produz a cidade: “como uma ilha de especulação equilibrada. Assim como os demais edifícios ali construídos, o Moreira Salles simbolizava esse momento primitivo da alta incorporação e da especulação imobiliária avançada no centro de São Paulo, processo que ao mesmo tempo punha a nu a contradição fundamental entre o momento da renda fundiária e o momento do capital financeiro que se organizava em torno dela. (LIRA, 2011, p.462)

Tal inclinação por parte de Gregori Warchavchik, reflete a mudança de pensamento e posicionamento do arquiteto perante às transformações que vinham acontecendo na cidade e na sociedade no decorrer do século XX.

Tendo isso em vista, pode-se dizer que a trajetória de Warchavchik é marcada por dois momentos. O primeiro que é conhecido por sua atuação como arauto das vanguardas internacionais na década de 1920, com destaque especial à Casa Modernista da Rua Santa Cruz, projetada em 1927 e obra pioneira do modernismo no Brasil. Esta fase de produção é objeto de diversas pesquisas a seu respeito e é caracterizada principalmente pela experimentação arquitetônica acompanhada de um discurso propositivo que, embora limitada pelas possibilidades técnicas e culturais do momento, resultou em objetos isolados e de grande valor na introdução do modernismo.

O segundo momento, por sua vez, é constantemente retratado de maneira superficial quando se pretende discutir realizações de Warchavchik. As obras produzidas principalmente na década de 1950, apresentam forte aproximação às tendências imobiliárias da época, com uma experimentação voltada à ocupação vertical, como ocorre com o Moreira Salles, mas não apenas, e que resulta em uma arquitetura que interfere na constituição do espaço urbano, trazendo impactos a este.

A multiplicação do público e ultrapassagem da relação de mecenato; o contexto de massificação da construção civil colocava o arquiteto numa posição em que seu produto se destinaria inevitavelmente ao mercado e não mais à produção de bens específicos pontuais com significado direcionado a um cliente. Da mesma forma, o campo de competências do arquiteto se tornaria mais restrito no corpo técnico, na nova divisão do trabalho [...] o engajamento na realidade do capital imobiliário revela, sem quaisquer resíduos utópicos das políticas de vanguarda, as fraturas constitutivas do próprio projeto moderno. (LIRA, 2008, p.371).

Ao mesmo tempo que Warchavchik investia na própria identidade do pioneiro enquanto sua obra se fechava cada vez mais num vago heroísmo superado. Essa trajetória, que parecia perder relevância, não deixava de antecipar certos desdobramentos, dilemas e desafios, na arquitetura moderna brasileira e em seu contexto de modernização. (LIRA, 2008, p.371).

Aproximando-se do mercado imobiliário, percebe-se uma constante oscilação das características atribuídas aos edifícios projetados pelo arquiteto, ação que se justifica pelo volume de investimento nestas novas construções, bem como pela resistência de Warchavchik a certos padrões:

Há um excesso de designações e uma certa impropriedade em meu modo de ver: organizar o espaço corresponde a racionalizar formas em função de determinado fim. A arquitetura não corresponde em seu produto a um organismo – esta palavra mesmo analogicamente não cabe, porque a arquitetura não cria organismos e órgãos no sentido vivo, mas no sentido funcional [...] É preciso ver que o funcionalismo não constitui corrente, mas um dos valores da boa arquitetura. (LIRA, 2011, p.452)

A produção arquitetônica de Warchavchik neste segundo período, que se prolonga até a década de 1960, é extensa e contempla diversos exemplares, porém, como supracitado, a historiografia acerca de seu trabalho costuma concentrar-se nas

obras realizadas até 1933. Apenas quatro projetos posteriores a este período costumam ser citados. Dentre eles, o edifício à rua Barão de Limeira, destaque na exposição Brazil Builds, e o único prédio em altura a figurar com destaque na maioria das fontes escritas sobre o arquiteto.

O Edifício Barão de Limeira constitui-se por seis faixas horizontais e idênticas, que trazem forma aos 5 pavimentos e à platibanda da cobertura, e que marcam o ritmo da fachada. Nestas, a curva ao final do eixo, determinada como área de varanda, traz a plasticidade que Gregori Warchavchik busca e dinamismo ao conjunto.

Figura 7 – Edifício Barão de Limeira



Fonte: Geraldo Ferraz

Diferentemente do que ocorre no Edifício Moreira Salles, o padrão se repete em todos os pavimentos do edifício, seja na configuração das plantas, seja na fachada. A leitura dos ambientes internos pode ser feita com clareza a partir do exterior, assim como ocorre com a construção da avenida São Luís, e ambos os casos se mantêm a sobriedade da linguagem quanto na escolha de materialidade e ornamentação. Apenas no hall do Barão de Limeira percebe-se o uso de cor para criar a diferenciação entre esta cota e os apartamentos superiores. Esta divergência, no caso do Moreira Salles, é criada através do pé direito e do tratamento formal das portas.

Como citou Lira (2011, p.386), o Edifício Barão de Limeira é “talvez um dos projetos mais conhecidos e publicados de Warchavchik”. Além de ter recebido prêmio como melhor edifício de apartamentos construído na cidade para o biênio 1939-40, na primeira edição do concurso de fachadas organizado pelo prefeito Prestes Maia”, além de sua publicação na Brazil Builds.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa enfocou a análise documental do projeto original e levantamento dos antecedentes da área de implantação do Edifício Moreira Salles, por meio da compreensão dos mapas cadastrais da cidade de São Paulo e do Plano de Avenidas. A leitura do Edifício fez-se por meio da análise do processo aprovado junto à Prefeitura, e da bibliografia específica já citada. Concluiu-se que o prédio, projetado pelo arquiteto Gregori Warchavchik, foi parte integrante do desenvolvimento da então Rua São Luís e de sua consolidação como avenida. A construção do Moreira Salles é exemplar da dinâmica de modernização que vinha acontecendo no centro da cidade, e que se caracterizou com o processo de efetivação do chamado Centro Novo.

Se tratando do arquiteto, a pesquisa permitiu a compreensão de sua produção através de outra ótica, entendendo a transição ocorrida em sua carreira, e os aspectos pragmáticos que movimentaram tais escolhas. Para além da sempre referida Casa Modernista na Rua Santa Cruz houve obra que carece de maior investimento investigativo. Estudos futuros para os quais o presente relatório é modesta contribuição.

Por fim, todo o material levantado será armazenado no “Banco de Dados do Centro Histórico de São Paulo”, que juntamente com a pesquisa acerca de outros edifícios que constituem a avenida São Luís, permitirá uma leitura das transformações da via como um todo. Após fase de complementações e revisões das informações, o material será disponibilizado publicamente no site “Edifícios no Centro de São Paulo”, cedendo as informações para todos que por estas se interessarem.

4. REFERÊNCIAS

CAHEN, Nadia Oliveira. O Edifício como qualificador do espaço urbano: Av. São Luís, interpretação e proposta. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2003.

MONOLITO: Higienópolis. São Paulo: Editora Monolito, v.1, n.19, 2014.

LEFÈVRE, José Eduardo Assis. De beco a avenida: a história da Rua São Luiz. São Paulo: Edusp, 2006.

LIRA, José Tavares Correia de. Fraturas da vanguarda em Warchavchik. 2008. Tese (Livre docência em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Warchavchik: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Contatos: fabisaadkik@gmail.com e 1153211@mackenzie.br